

A criança e o linguista: modos de habitar a língua?

(The child and the linguist: ways of inhabiting language?)

Cláudia Thereza Guimarães de Lemos

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

ctglemos@uol.com.br

Abstract: This paper's point of departure is the fact that the heterogeneous and unpredictable nature of children's speech, as well as its changes in direction to adult speech are not amenable to both description and explanation by linguistic theories. In order to show such difficulty, it is brought into consideration the work developed by Roman Jakobson with the aim of submitting not only children's speech but also aphasia and poetry to the general laws of language, thus erasing exactly what distinguishes them from ordinary language. In contrast with it, my interpretation of children's speech and of its change in direction to adult speech is based on psychoanalytical theory and, particularly, on Jacques Lacan's assertion that the human subject is an effect of language and, therefore, becoming a speaker implies the repression of his/her position as an object of the Other.

Key-words: children's speech, effect of language, primary repression.

Resumo: Este artigo tem como ponto de partida o fato de que a natureza heterogênea e imprevisível da fala de crianças, assim como sua mudança em direção à fala de adultos não são passíveis de ser descritas nem explicadas por teorias linguísticas. Para mostrar essa dificuldade, é trazido em consideração o trabalho desenvolvido por Roman Jakobson com o objetivo de submeter não só a fala de crianças, mas também a afasia e a poesia às leis gerais da linguagem, apagando exatamente o que as distingue da linguagem ordinária. Em contraste com isso, interpreto a fala da criança e sua mudança na direção da fala do adulto, com base na psicanálise e, particularmente, na afirmação de Jacques Lacan de que o sujeito é um efeito de haver linguagem e de que, portanto, tornar-se falante implica o recálque da posição de objeto do Outro.

Palavras-chave: fala de crianças; efeito de linguagem; recálque originário.

Agradeço à Diretoria do GEL o convite para falar aqui, neste 61º Seminário,¹ convite que me honra e que, por isso mesmo, me convoca a trazer o que só hoje, passados tantos anos, posso extrair de um longo percurso por falas de crianças, um percurso assinalado pelas questões com que essas falas desafiam o linguista. Seu marco inicial me serve como mote.

No fervilhante ano de 1968, ano de rebelião estudantil no mundo e de luta contra a ditadura no Brasil, eu que, naquele momento, fazia pós-graduação em linguística na USP, fui convidada por Jacó Ginsburg, que dirigia a Coleção Debates da Editora Perspectiva, e por Haroldo de Campos para participar como tradutora em uma coletânea de artigos de Roman Jakobson a ser lançada nessa coleção.²

Os artigos que me foram destinados eram sobre gramática e poesia e isso me valeu, por ocasião da visita de Jakobson a São Paulo, para fazer conferências na USP,

1 Este artigo é uma versão ampliada da conferência que fiz no 61º GEL, ampliação esta que responde à necessidade de me deter no esclarecimento de alguns conceitos, obedecendo, assim, às exigências que a escrita impõe. Dele, porém, não foram retirados os traços de sua apresentação oral que dão um lugar às circunstâncias dessa apresentação.

2 O título do livro, publicado em 1970, é *Linguística. Poética. Cinema. Roman Jakobson no Brasil*.

em setembro de 1968, o privilégio de ouvir, em uma conversa informal, de sua própria boca, algo instigante: que, assim como o pintor é aquele que permaneceu criança diante de formas e cores, o poeta também é alguém que permanece criança diante da linguagem.

Não sei quanto essa invocação da criança diante da linguagem para iluminar a poesia e o poeta me levou, a mim, que naquele período já estava voltada para o trabalho, em um centro da PUC-SP,³ com crianças portadoras de surdez e de outros problemas de linguagem, a escolher voltar-me para falas de crianças, a desejar entender o processo pelo qual as crianças se tornam falantes de uma língua, a língua materna.

Há um ano atrás, tantos anos passados depois desse encontro com Jakobson, no momento em que passo a interrogar, a partir da psicanálise, meu trabalho anterior sobre falas de crianças, algo inesperado me leva de volta a esse encontro: deparo-me no Seminário *A Lógica do Fantasma*, de Jacques Lacan, mais precisamente, na aula de 1 de fevereiro de 1967, com a cena que se segue.

Depois de ter falado sobre a originalidade da posição do analista em sua prática, Lacan dirige a seu amigo Roman Jakobson, presente nessa aula do Seminário, uma pergunta sobre a posição do linguista, assim formulada:

Será que o senhor pensa que um linguista formado na disciplina linguística, que isso produz nele uma tal marca que seu modo de abordar todos os problemas é algo que leva um selo absolutamente original? O senhor é aquele que transmite essa espécie de disciplina que é a mais próxima da nossa. Será que o modo de relações que faz surgir para o senhor o fato de ser alguém que transmite essa disciplina, será que para o senhor algo que é da dimensão do que é ser um *discípulo* é algo essencial, exigível e que conta para o senhor?" (LACAN, 2008 [1967], p. 187, itálicos do editor)

Da longa resposta de Jakobson, recorto o que nela me surpreendeu tanto pelo que nela se repete do que ouvi em 1968 – note-se que a data dessa aula do seminário é 1 de fevereiro de 1967 – como pelo quanto uma fala divergia da outra fala. Na fala transcrita no seminário o que se lia não aproximava a criança e o poeta, mas sim a criança e o linguista. Cito Jakobson:

É curioso que... que *quase não ocorre que alguém se torne linguista*. [...] O que isto quer dizer? Eu me permito dizer que a grande maioria das crianças sabe muito bem pintar e desenhar, mas que em uma certa idade a maioria perde essa capacidade e *aqueles que se tornam pintores conservam [...] um certo traço infantil*. *O linguista é um homem que conserva uma atitude infantil em relação à língua*. A própria língua interessa ao linguista como ela interessa à criança, ela se torna para ele o fenômeno mais essencial em sua complexidade, isto permite ao linguista ver as relações internas, as leis estruturais da língua. (LACAN, 2008 [1967], p. 188, itálicos meus)

Estranha a resposta de Jakobson. Certamente ele não entendeu a pergunta de seu amigo psicanalista, o qual, partindo do fato de que o sujeito que se pode supor ao estruturalismo, seja falante, seja linguista – ou mesmo o sujeito que se pode supor a uma teoria que assenta sobre leis gerais da linguagem – é, na verdade, objeto, isto é, assujeitado a essas leis e relações estruturais. Daí que não possa ser um *mestre*, em controle do saber,

³ Esse centro é conhecido atualmente pela sigla DERDIC, a saber, Divisão de Educação e Reabilitação de Distúrbios da Comunicação.

nem ter um *discípulo*, ainda que se tome por linguista. É isso, a meu ver, que Lacan insinua nesse momento e que está implicado no seu aforismo “não há metalinguagem”, ou melhor, não há, para o homem, um “fora da linguagem” de onde ele constitua a língua como objeto, de onde ele possa se fazer mestre e ter discípulos.

Lembro que à negatividade do aforismo lacaniano poderia corresponder o positivo que reside no dizer, com Lacan, que o humano habita a linguagem (LACAN, 2003 [1974], p. 448). Desse ponto de vista, parece-me também estranho o fato de Jakobson, em sua resposta, assimilar a posição da criança à posição do linguista.

Seria o que ele chama de “uma atitude infantil” do linguista algo afim às brincadeiras de montar e desmontar com que sua orientanda Ruth Weir (1962) se deparou nos monólogos do filho Anthony, sozinho no berço, brincadeiras essas que, no caso do linguista, seriam procedimentos de descoberta (“discovery procedures”, segundo Bloomfield) destinados à formalização de relações internas e de leis estruturais?

Uma tal homologia entre criança e linguista é pouco esclarecedora e, mais que isso, fadada ao equívoco, dada a assimetria que a funda. O linguista monta e desmonta a língua que fez dele um falante para, repito, descobrir relações internas e leis estruturais, enquanto a criança habitaria a língua que lhe vem pela fala do Outro e em que ainda deve advir.

Contudo, para Jakobson e Weir, sua discípula, a língua já se oferece para a criança como objeto manipulável e, ao mesmo tempo, como objeto de conhecimento a ser apreendido e internalizado. Em contraste com essa interpretação, Lier-De Vitto (1998), em seu livro sobre os monólogos da criança, mostra, tanto nos dados de Weir como nos dados colhidos por ela e por outros investigadores, uma criança que erra e erra por entre falas de outro(s). Para ela, montagens e desmontagens mostram que “a criança não é nem autor nem plagiador: trata-se de um sujeito atravessado por pedaços de discursos dos outros” (LIER-DE VITTO, 1998, p. 161).

A resposta de Jakobson, na verdade, assim como a pergunta de Lacan, aponta para o paradoxo que ronda tanto a Linguística quanto as ciências humanas, produzindo em um filósofo como Agamben (2000 [1977/1993], p. 109-11), uma equação surpreendente: “Se nas ciências do homem sujeito e objeto necessariamente se identificam, então a idéia de uma ciência sem objeto não é um paradoxo jocoso, mas talvez a tarefa mais séria que, em nosso tempo, continua confiada ao pensamento”.

A respeito desse paradoxo, é pertinente também ouvir Jean-Claude Milner, um linguista que não cessa de interrogar-se a respeito do que significa haver linguagem/língua e haver linguista, isto é, a respeito de como o segundo tenta fazer da primeira seu objeto de investigação, sendo que é esse mesmo objeto de conhecimento que faz dele um falante.

Que o lingüista deva, nesses dados, operar uma filtragem para salvaguardar as exigências de regularidade, repetibilidade, reprodutibilidade, sem o que nenhuma ciência é possível, isso é certo; que o lingüista possa operar essa filtragem sem deformação excessiva de seu próprio objeto, isso é uma questão que ele não pode deixar de se colocar. Ele deve tanto mais fazê-lo quanto o exige o fato de ele só ser lingüista na medida exata em que é, ele próprio, um sujeito falante. Em certos casos notadamente, quando estuda sua própria língua, o retorno a si lhe é, assim, constantemente imposto; mas, de toda maneira, mesmo ao supor que estuda uma língua que não seja a sua, ele não pode estudá-la sem fazê-la sua,

por pouco que seja. Estabelece-se, pois, sempre uma coincidência entre o observador e o observado; isso não deixa de criar uma estrutura paradoxal. A lingüística tem que suportar esse paradoxo; ora, a psicanálise encontra um paradoxo aparentado, apenas um ser afetado por um inconsciente podendo ser analista. Mas, diferentemente da lingüística, ela não se limita a subjugar-lo: ela o trata empiricamente e teoricamente. (MILNER, 1995, p. 18)

Por que Lacan acreditaria que Jakobson tivesse algo a dizer sobre o paradoxo por ele reconhecido e elaborado no que se refere ao psicanalista?

Retiro do início da citação de Milner pelo menos uma justificativa: Jakobson foi o linguista que se recusou a constituir seu objeto operando “a filtragem necessária para salvaguardar as exigências de regularidade, repetibilidade, reprodutibilidade”. Em outras palavras, ele almejava dar conta de um objeto com falhas e, por isso, incluiu no escopo de suas atividades de linguista não só a fala da criança, mas também o balbúcio, a afasia e a poesia. Isso que era o anseio de Jakobson ia ao encontro da relevância que Lacan dera, na obra de Freud, àquilo que ele escreveu sobre o chiste, o lapso, o ato falho, isto é, sobre a irrupção do inconsciente na fala.⁴

Foi esse projeto que atraiu Lacan e o levou a vislumbrar na metáfora e metonímia – deslocadas por Jakobson da Retórica para se tornarem lei gerais da linguagem na Lingüística – algo onde ancorar a lógica do significante e as formações do inconsciente: o lapso, o chiste, o sonho, o ato falho.

Incluir o que falhava no objeto da lingüística não resultaria, contudo, no reconhecimento por Jakobson nem do paradoxo nem de suas consequências; enfim não afetaria a lingüística como ciência. Seu livro *Langage Enfantin et Aphasie*, publicado em 1969, mas que contém artigos publicados já em 1939 – antes dos anos 70, em que linguistas e psicólogos, gravador em punho, corriam em busca da fala de crianças – é uma prova disso. Nesse livro, Jakobson, do mesmo modo como afirma a pertinência do estudo da “evolução fônica da fala infantil e da afasia como problema lingüístico”, diz:

O nascimento e o declínio da estrutura de uma língua só podem ser instrutivos para todo linguista dedicado ao estudo de sua forma acabada. Contudo, esses três aspectos – fala da criança, perturbações afásicas e forma acabada – ainda não foram submetidos a uma análise comparativa sistemática. (JAKOBSON, 1969, p. 15)

Também insiste no fato de que nem a fala da criança nem a afasia são menos estruturadas que a forma acabada:

A constância, seja invariável, seja aproximativa, que se deixa observar na cronologia relativa de certas oposições fonológicas adquiridas pela criança encontra uma correspondência estreita nas leis estruturais das línguas do mundo e facilitam a interpretação dessas leis. (JAKOBSON, 1969, p. 7-8)

Ao abordar dois temas afins – a aquisição e os distúrbios da linguagem – Jakobson acreditava poder admitir que as alterações afásicas reproduzem inversamente a ordem das aquisições infantis, ainda que tivesse que reconhecer que, examinada mais de perto, “a patologia da linguagem apresenta uma certa diversidade de sintomas em comparação com

4 Refiro-me a *A Psicopatologia da vida cotidiana* (1969 [1901]) e a *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1969 [1905]).

o processo essencialmente uniforme (*sic*) da iniciação infantil na linguagem” (JAKOBSON, 1969, p. 9).

Mas, logo retifica, dizendo que “[...] a pesquisa internacional e interdisciplinar acha-se em vias de demonstrar *a pluralidade das síndromes afásicas assim como o rigor das leis linguísticas que as distinguem e especificam*” (JAKOBSON, 1969, p. 9, itálicos meus).

A fé de Jakobson na sistematização e na simetria, que lhe valeu um belo artigo de Jean-Claude Milner intitulado “Para Roman Jakobson: a felicidade pela simetria” (2002, p.131-140), na verdade acabou por apagar o que falhava na falha. Mais que isso, fez da fala da criança e do afásico lugares de comprovação da teoria linguística e, mais além disso, acabou por colocar criança e linguista no mesmo lugar, a saber, diante da língua e, portanto, fora dela, aparelhando-os, portanto, com um saber sobre a língua já dado.

De que ordem seria esse saber, da ordem de uma teoria da aprendizagem, que reduziria língua e linguagem a um objeto qualquer, ou da ordem de uma dotação biológica? Para Jakobson isso aparentemente não importava. Na aula de 1 de fevereiro de 1967 do Seminário XIV de Jacques Lacan – lembremo-nos que, nessa altura, *Aspectos da Teoria da Sintaxe* já tinha sido publicado – Jakobson menciona a proposta inatista de Chomsky, aí formulada, lado a lado com uma visão de aprendizagem tomada do senso comum, como hipóteses explicativas viáveis e compatíveis.

A lição a tirar dessa trajetória tão brilhante e ousada quanto incongruente seria, me parece, repensar a condição da língua como objeto na linguística e as consequências que essa condição acarreta para uma linguística que se quer ciência. A propósito disso, Jean-Claude Milner, que identifica a linguística menos como ciência do que como a aventura teórica de alguns sujeitos, ousa dizer: “Nesse registro, a linguística continua a contar porque esses aventureiros, mais por aquilo em que fracassaram do que por aquilo em que foram bem-sucedidos, tocaram em alguns recifes de real” (2000, p. 14). Real, segundo Lacan, isto é, o que é impossível de simbolizar. Certamente, Roman Jakobson foi um desses aventureiros.

Em que residiria esse fracasso? A meu ver, na dificuldade de reconhecer que aquilo, de irregular e irrepitível que irrompe na fala, à revelia do falante, como o lapso e o chiste, assim como na poesia, na fala da criança e no dizer psicótico, desloca a relação do falante com a língua e com sua própria fala, mostrando-o como objeto sob o efeito da língua/linguagem que o faz falante. Nesse sentido, tem toda a pertinência lembrar aqui o que diz Lacan sobre a linguística, ao distingui-la da psicanálise: “A linguística fornece o material da análise, ou o aparelho com que nela se opera. Mas um campo só é dominado por sua operação” (LACAN, 2003 [1970], p. 407). Ao que acrescento: a operação pela qual a linguagem produz e representa um sujeito como representado. Em outras palavras, operação que tem, sim, um efeito objetivo ou, como se costumava dizer, denotativo, mas que, acima de tudo, tem um efeito performativo.

Hoje a corrida de psicólogos e linguistas, gravador em punho, em busca de falas de crianças que pudessem exibir uma ordem de aquisição que comprovasse uma hierarquia de complexidade definida por alguma teoria linguística, parece ter cessado. E

por questões de ordem tanto empírica quanto teórica, se é que, nesse caso, seja possível separá-las.

Tanto investigadores da aquisição de uma mesma língua como investigadores que se reuniram para comparar dados da aquisição de línguas diferentes se viram diante de falas que exibiam, ao contrário do esperado, uma forte resistência à sistematização. Tentativas de superá-la resultaram em uma verdadeira deriva teorizante e, por fim, no balde de água fria representado pela posição dissonante de Chomsky ao afirmar que os estados (não estágios) intermediários entre o estado 0 e o estado estável eram irrelevantes do ponto de vista linguístico (1986, p. 24-25). Trabalho perdido?

Minha resposta é não. Não é a leitura que faço das falas de crianças entre seus 11 ou 12 meses a cinco anos de idade que constituem o acervo gravado e transcrito do Projeto de Aquisição de Linguagem do IEL-Unicamp, por mim coordenado até 1995.

O primeiro obstáculo que se coloca para o linguista diante de falas de crianças é escapar do senso comum, ignorar a visão diacrônica que a própria etimologia da palavra “criança” impõe⁵ e, mesmo quando se recusa a noção de desenvolvimento, como foi o meu caso,⁶ recusar o termo “trajetória” para nomear o vir-a-ser-falante da criança capturada pela língua/linguagem em sua evidente sincronia.

Já Saussure advertia de que:

A primeira coisa que nos chama a atenção quando estudamos os fatos da linguagem é que sua sucessão no tempo não existe para o falante. *Ele é confrontado com um estado da língua.* É por essa razão que um linguista que deseja entender um estado deve descartar o conhecimento de tudo o que o produziu e *ignorar a diacronia.* (SAUSSURE, 1995 [1916], p. 81, itálicos meus)

Na verdade, a trajetória concerne o linguista, é sua travessia pelas falas de crianças que se sucedem no tempo que faz dessa “sucessão no tempo” um saber que aparentemente se acumula e se organiza a partir de sua interpretação, isto é, do que ele próprio põe sincronicamente em movimento ao interpretar. Quanto à criança, ela é também confrontada com a fala do Outro materno primordial que a significa segundo seu desejo inconsciente, o que a privará de seu ser para fazê-la humana, ser de linguagem. Daí a falácia do termo “aquisição” para significar sua captura pelos “mecanismos do significante” a que estará para sempre presa, alienada, e a pertinência da interrogação de Lacan sobre o sujeito. A que se segue é apenas uma delas:

Onde está o sujeito aí dentro? Na individualidade radical, real? Na sua condição de puro paciente dessa captura? No organismo a partir daí aspirado pelos efeitos do *isso fala* [...], tendo sido preso nos mecanismos do significante? É ele, no outro extremo, identificável ao próprio jogo do significante? E o sujeito não passa então do sujeito do discurso, de algum modo arrancado à sua imanência vital, condenado a sobrevoá-la, a viver em uma espécie de miragem que decorre dessa reduplicação que faz com que tudo o que ele viva não somente ele o fale, mas, vivendo-o, ele o vive ao falar, e que já o que ele vive já está inscrito em um *epos*, uma saga tecida ao longo de seu próprio ato? [...] Será que isso bas-

5 A esse propósito, vale lembrar que, na mesma lição do seminário de Lacan acima referida, as perguntas que os psicanalistas presentes dirigem a Jakobson sobre “desenvolvimento de linguagem” em nada diferem, quanto a seus pressupostos, da posição de psicólogos e linguistas.

6 Ver de Lemos (2006).

ta, saber que a função do sujeito está no entre-dois, entre os efeitos idealizantes da função significante e essa imanência vital [...]? (LACAN, 1996, p. 72)

É, na verdade, esse entre-dois que se pode surpreender na fala de crianças. Em um primeiro momento, o que se pode chamar de fala da criança se reduz a fragmentos da mesma fala com que a mãe (ou de alguém com função materna) a interpreta, significando-a como parte ativa de uma cena.

R., por exemplo, com um ano e cinco meses de idade, sobe em uma cadeira, uma das ocasiões em que a mãe a adverte, dizendo “Você cai!!”, e parece, ao mesmo tempo, reinstaurar a cena e interrogar o desejo da mãe dizendo “Chê cai?”.

Em um segundo momento, fragmentos dessa mesma ordem, oriundos da fala do outro, abandonam as cenas de origem e migram para outras, reencenando-as, significando-as através do cruzamento com outros fragmentos, oriundos de outras cenas. O episódio abaixo permite flagrar esse segundo momento.

M., aos dois anos e três meses, diante da página de uma revista em que há uma foto de um homem de cara fechada, traz para significá-la fragmentos da fala da mãe recorrentes em outras cenas e, particularmente, em uma cena, em um parque onde há um cercado com patos e galinhas, diante dos quais a mãe a adverte do risco de tocar as aves. No enunciado de M., pode-se seguir o trajeto de um fragmento que sai de uma cena para significar outra: “O moço é bavo, põe o medo nele, põe”. Ao que a mãe responde, reconhecendo sob a palavra “medo”, a palavra “dedo”: “Por que eu vou pôr o dedo nele?”. A resposta de M. é “eles móde”, onde “morder” substitui “bicar” e, ao mesmo tempo, coloca “moço” no lugar de patos, galinhas e cachorros. Seu enunciado não só lhe permite experimentar o efeito de sua fala sobre o outro e sobre a cena por ela significada, quanto tem um efeito performativo, isto é, o poder alçar-se como quem fala ainda que falada pelo Outro.

Mais que isso: para Lacan, é de tais substituições de uma palavra por uma outra que se desprende de outro discurso (ou cena), produzindo sentidos outros, que emerge o sujeito como metáfora e sua divisão. Ou, em suas palavras: “o gato faz au-au, o cachorro faz miau-miau”. Eis como a criança soe os poderes do discurso e inaugura o pensamento” (LACAN, 1998 [1966], p. 905).

Resumindo, fragmentos, palavras e expressões desprendem-se de cenas, falas, discursos para, operando como significantes – e não como signos –, significar outras cenas, falas, discursos. Que teoria aparelharia o linguista para dar conta desse deslizamento, dessa operação e de seus efeitos? Importa lembrar, neste ponto, o que diz Porge sobre Lacan ter substituído uma lógica do signo por uma lógica do significante: “Assim como a unidade do significante e do significado é fundadora da linguística, a divisão do significante e do significado é fundadora do simbólico” (PORGE, 2006, p. 87), isto é, da linguagem como Outro, “tesouro de significantes”, segundo Lacan.

Nada mais eficaz para representar um terceiro momento do vir-a-ser falante que narrativas de crianças por volta de cinco anos. Instada a produzir narrativas, recontos das histórias narradas pela mãe, a criança, em período anterior, se vale, indiferentemente, de fragmentos do narrado e do discurso direto dos personagens, do cruzamento desses enunciados com histórias outras para, em um certo momento, atuar, literalmente, na re-

contagem ou na invenção de uma história, como autora, dando voz tanto a um narrador quanto aos personagens.⁷ Em sincronia com a assunção de posições discursivas distintas, ela também se alça, ao modo do linguista, como falante em aparente controle da língua e, dividida entre a posição de quem fala e a de quem escuta, comenta e reformula a própria fala, tratada à guisa de objeto.

Como dar conta dessa passagem do falado – capturado pela fala do outro/ Outro – para falante, sem reconhecer que a língua é causa de haver sujeito e sujeito dividido? Por outro lado, como ignorar o fato de o irregular, o inesperado, o irrepitível que irrompe na fala, à revelia do falante – repito o que disse acima –, isto é, que as assim nomeadas “formações do inconsciente” – lapso, chiste, ato falho, sonho – não só exibem procedimentos homólogos àqueles com que nos deparamos na fala de crianças, como devolvem o falante à sua condição de objeto?

Em um dado momento do meu percurso por falas de crianças, empenhada em uma crítica radical da noção de desenvolvimento vigente na área de Aquisição de Linguagem, arrisco uma resposta a algumas das questões colocadas no parágrafo anterior. Afirmo, então, que as mudanças de posição relativamente à fala do Outro no vir-a-ser falante da criança não implicam desenvolvimento, já que não são apagadas, mas apenas obliteradas. E acrescento: “Obliteração a ser entendida como “eclipse”: a lua permanece visível sob a sombra da terra” (de LEMOS 2006 [2000], p. 31).

Pereira de Castro, em um de seus trabalhos sobre língua materna, também se aproxima dessas questões e indaga sobre “os destinos da fala infantil” e se apoia em Milner para entender o que qualifica como esquecimento pela criança da fala infantil:

Uma vez capturada pelo funcionamento da língua materna, na posição de falante, a criança esquece a fala infantil. [...]

Volto então ao esquecimento na linguagem. Para Jean Claude Milner o esquecimento é um fato estrutural que diz respeito ao sujeito. Nessa problemática subjetiva, Milner não deixa de trazer a noção de inconsciente freudiano: o inconsciente é tanto o lugar onde permanece a matéria do esquecimento como é ele também o lugar de sua causa. Como diz o autor, o conceito freudiano responde tanto ao *onde?* quanto ao *por quê?* na problemática subjetiva do esquecimento. (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p. 16)

Nem obliteração nem esquecimento hoje me parecem dar conta do fato de que o que desaparece da fala da criança reaparece nas formações do inconsciente, na literatura, na poesia e até mesmo no dizer psicótico. Reaparece, à primeira vista, do ponto de vista de seus procedimentos linguageiros, homólogos aos da fala da criança, procedimentos esses em que se destacam os recursos à homonímia e aos efeitos de sentido responsáveis pela figurabilidade no sonho e na ficção. Reaparece, principalmente, na condição de produção linguageira que escapa ao saber e advém de uma instância de desconhecimento.

A meu ver, é o conceito freudiano de recalque que pode dar conta do que desaparece para reaparecer em outro tempo e lugar e de modo singular, já que o recalque supõe o retorno do recalçado e, por isso mesmo, a divisão consciente/ inconsciente. Embora desde seus primeiros trabalhos, por volta de 1890, Freud trate o recalque como o protótipo dos mecanismos de defesa, em 1915, ele diz:

⁷ Uma análise detalhada de narrativas de crianças e de sua captura pela língua/discurso cujo efeito performativo é constituí-la como autora, narradora e criadora de personagens encontra-se em Lemos (2001, p. 23-60).

A experiência psicanalítica [...] obriga-nos ainda a concluir que o recalque não é um mecanismo de defesa já presente desde a origem, que ele nem sequer pode surgir antes que uma nítida separação se tenha estabelecido entre a atividade psíquica consciente e inconsciente e que *sua essência consiste apenas na ação de repelir algo para fora da consciência e de mantê-lo afastado*. (FREUD, 2004 [1915], p. 178, itálicos do original)

Foi a partir dessa noção de recalque concebida com base nas formações substitutivas e no retorno do recalque que Freud deduziu a necessidade de postular “uma primeira fase do recalque, um *recalque original*” (FREUD, 2004 [1915], p. 178, itálicos do original) pelo qual o segundo – ou recalque propriamente dito – seria atraído. Nesse sentido, poder-se-ia dizer, acompanhando Lacan, que pensa a condição humana como a de *parlêtre* – “falasser” –, que o recalque originário ou primordial é aquele em torno do qual se organiza o inconsciente e se funda o sujeito como divisão.

É esse modo de pensar o recalque que subjaz à reflexão de Pommier sobre o ato de fala do “falasser”. Cito:

[...] como diferir de si, como cessar de ser um objeto no desejo do Outro? Como pode bem nascer um sujeito, a despeito de sua dívida, daquilo que é devido? Sim, como senão graças a uma operação em que o produto se torna ator, que produz o que o faz ator, conforme o desfile implacável do processo secundário freudiano, a da infinita produção do pensamento?

Qual é a função desse encadeamento constante do pensamento e da fala que disso dá conta? *Sua primeira função é ser performativa, isto é, permitir a existência do sujeito que ao falar, recalca sua posição de objeto do Outro. Vale dizer que essa performance é correlativa da recondução do recalque originário*. O recalque primordial não é um acontecimento consumado de uma vez por todas na primeira infância, no momento mesmo do *Hilflosigkeit*, do desamparo psíquico antes que fisiológico. O recalque primordial é reconduzido a cada instante, por exemplo no momento em que faço esta comunicação [...] (POMMIER 2004, p. 120, itálicos meus)

Se a criança deve recalcar a condição de objeto do Outro e as relações com a fala do outro que dessa condição decorrem, para se alçar como ator da fala de que é produto, o linguista também depende do recalque originário para fazer da língua objeto de conhecimento e descrevê-la como se não fosse efeito dela. É assim que posso também entender o que diz Lacan em *Radiofonia*: “O inconsciente é condição da Linguística” (LACAN, 2003 [1970], p. 403).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007 [1977].

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. Nova York: Praeger, 1986.

FREUD, S. *A psicopatologia da vida cotidiana*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1901].

_____. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1905].

_____. O recalque. In: _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004 [1915]. p. 175-193.

JAKOBSON, R. *Langage enfantin et aphasie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1969.

_____. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

LACAN, J. A metáfora do sujeito. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 [1966]. p. 900-907.

_____. *L'identification, Séminaire 1961-1962*. Association Freudienne Internationale, Paris: Publication hors commerce, 1996.

_____. *A lógica do fantasma*. Publicação interna. Recife: CEP, 2008.

_____. Radiofonia. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 ([1970], p. 400-447.

_____. O Aturdido. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 [1974]. p. 448-497.

de LEMOS, C. T.G. Interrelações entre a Linguística e outras ciências. *Boletim da Abralin*, n. 22, p. 19-32, jun. 1998.

_____. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição de Linguagem. In: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (Org.) *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: Educ, 2006. p. 21-32.

_____. Sobre o estatuto linguístico e discursivo da narrativa na fala da criança. *Linguística*, v. 13, p. 23-60, 2001.

LIER-DE VITTO, M. F. *Os monólogos da criança – delírios da língua*. São Paulo: Educ, 1998.

MILNER, J.-Cl, De la linguistique à la linguisterie. In: MILNER, J.-Cl. et al. *Lacan, l'écrit et l'image*. Paris: Flammarion, 2000. p. 7-25.

_____. À Roman Jakobson, ou le bonheur par la symétrie. In : _____. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Seuil, 2002. p. 131-140.

_____. Linguistique et psychanalyse. *Enciclopaedia Universalis*. 1995. Disponível em: <www.lutecium.org.>. Acesso em: maio 2013.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. Língua materna e os destinos da fala infantil. Aula apresentada como prova didática em Concurso para Professor Titular, IEL-Unicamp, outubro de 2006, inédita.

POMMIER, G. Da passagem literal do objeto ao moedor do significante. In: MELMAN, Ch. et al. *O significante, a letra e o objeto*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. p. 119-126.

PORGE, E. *Jacques Lacan, um psicanalista*. Percurso de um ensino. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

WEIR, R. *Language in the crib*. Haia: Mouton, 1962.